

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

A CHEFE DA FAMÍLIA: FAMÍLIA, TRABALHO E COTIDIANO

ARTIGO DE CONCLUSÃO DE CURSO

SARUÊ KLUSENER VEZARO

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Saruê Klusener Vezaro

A CHEFE DA FAMÍLIA: FAMÍLIA, TRABALHO E COTIDIANO

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais

Orientadora: Prof^ª. Jurema Gorski Brites

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Saruê Klusener Vezaro

A CHEFE DA FAMÍLIA: FAMÍLIA, TRABALHO E COTIDIANO

Artigo apresentado ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais

Aprovado em Dezembro de 2019:



Prof.^a Dr.^a Jurema Gorski Brites
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a Maria Clara Mocellin



Prof.^a. Dr.^a. Amanda Gomes Pereira

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Artigo de Conclusão de Curso
Curso de Ciências Sociais Bacharelado
Universidade Federal de Santa Maria

A CHEFE DA FAMÍLIA: FAMÍLIA, TRABALHO E COTIDIANO

Autora: Saruê Klusener Vezaro

Orientadora: Jurema Gorski Brites

RESUMO

O presente artigo de conclusão de curso pretende analisar o fenômeno da chefia feminina e o que esta compreende. Em primeiro lugar, o artigo versará sobre as dinâmicas de trabalho produtivo e reprodutivo e traça o perfil das famílias chefiadas por mulheres. Nas dinâmicas entre trabalho produtivo as mulheres passam a ativar modelos de conciliação e delegação para dar conta do trabalho produtivo e reprodutivo frente à situação de chefia. Em seguida, o artigo analisa a subjetivação da mulher-chefe-de-família em relação ao que é ser mulher-chefe-de-família, mãe e trabalhadora. A partir de quatro entrevistas narrativas com mulheres chefes de família da região central do Rio Grande do Sul, compreendo que, para este grupo, a situação de chefia por mulheres é percebida como positiva, frente a um passado no qual sentiam-se mais submetidas às lógicas e controles dos maridos/companheiros.

Palavras-chaves: Chefia feminina; mulheres-chefes-de-família; trabalho produtivo e reprodutivo; modelos de conciliação e delegação; entrevistas narrativas.

ABSTRACT

The present article of course conclusion aims to analyze the phenomenon of female headship and what it comprises. Firstly, the article will deal with the dynamics of productive and reproductive work and outline the families of female-headed households profile. In the dynamics between productive work women start activating models of conciliation and delegation to cope with productive and reproductive work in the face of leadership. Then, the article analyzes the subjectivation of the female head of household in relation to what it is to be a female head of household, mother and worker. From four narrative interviews with women heads of families in the central region of Rio Grande do Sul, we understand that, for this group, the situation of female headship is perceived as positive, facing a past in which they felt more subjected to husband / partner logic and controls.

Keywords: Female headship; female head of household; productive and reproductive work; model of conciliation and delegation; narrative interviews.

1. Introdução

A condição da mulher-chefe-de-família é uma realidade que vem sendo estudada desde a década de 80 do século passado com mais afinco no Brasil. Na historiografia, Eni Samara de Mesquita (1996) identificou no censo de 1936 da capitania de São Paulo a presença de 40% de fogos chefiados por mulheres. Na sociologia, Carmem Barroso é uma das autoras inaugurais que propõe, em 1978, a análise da chefia de famílias por mulheres a partir de dados publicados pela PNAD. No decorrer deste período esta discussão se delineou em termos da divisão sexual do trabalho, da tripla jornada de trabalho (nomeada de dupla jornada do trabalho) e da autoridade de gênero dentro do lar e nas instituições com a qual a família se relaciona.

Inspirada pela experiência vivida com minha própria família, iniciei os estudos bibliográficos sobre mulheres-chefes-de-família. Questionamentos acerca do trabalho, da organização doméstica e de gênero nessas unidades domésticas fundamentaram o problema de pesquisa maior, que diz respeito a qual é a relação entre trabalho produtivo e reprodutivo¹ em famílias chefiadas por mulheres?

Adentrei a campo com alguns pressupostos estabelecidos, a saber, os questionamentos, a bibliografia, os objetivos e as hipóteses da pesquisa. Fui examinar empiricamente os estudos realizados pela bibliografia a partir de uma amostra pequena de quatro interlocutoras. Dispus o desenvolvimento da pesquisa de acordo com subseções, são elas: das ferramentas e caminhos metodológicos; costurando modelos familiares; as famílias entrevistadas; dinâmicas de trabalho produtivo e reprodutivo; ser a chefe.

O primeiro tópico, intitulado “costurando modelos familiares: quem é o chefe da família?”, discute os caminhos dos estudos de chefia feminina no Brasil, o que o estudo da chefia feminina suscita e o quanto esses estudos desvelam outros modelos familiares que até então foram invisibilizados pelos estudos da família patriarcal brasileira. A segunda subseção condensa as ferramentas metodológicas utilizadas e os caminhos percorridos na pesquisa. A terceira subseção deste artigo nomeada como “As famílias entrevistadas” está relacionada ao objetivo de identificar a situação econômica e educacional na qual as mulheres chefes de família da amostra se encontram. Na próxima subseção, que denominei como “Dinâmicas de trabalho produtivo e reprodutivo em famílias chefiadas por mulheres”, identifico quem é o responsável pelo trabalho

¹ Os termos produtivo e reprodutivo são empregados a fim de distinguir essas duas esferas de trabalho, doméstico e profissional. Nas Ciências Sociais o trabalho doméstico, afetivo e reprodutivo, foi associado à improdutividade já que não gera mercadorias, porém, não se trata de um trabalho improdutivo e sim reprodutivo (BRITES, 2018). Com isso, o termo trabalho reprodutivo nesta pesquisa, não é empregado com uma perspectiva produtiva.

reprodutivo nessas unidades domésticas. E por último, na subseção posterior intitulada “Ser a chefe”, discorro a fim de compreender a subjetivação da mulher-chefe-de-família em suas atividades cotidianas.

2. Costurando modelos familiares: quem é o chefe da família?

Na trajetória histórica de estudos sobre família no Brasil, tem um peso imenso os estudos sobre família patriarcal, que passou a ser tomado como modelo e estrutura dominante de organização familiar. No Brasil esse modelo se firmou como hegemônico desde o século XVII, dado pela família colonial em uma determinada região brasileira que se refere ao recôncavo baiano, e que posteriormente, toma-se como representação da família brasileira, por meio de poder social e político. Embora esse tenha sido, e ainda o é um modelo a ser atingido, colocando no centro da estrutura familiar um poder paterno, nem sempre ele podia ser realizado, seja pelas dificuldades de casamento, seja pela vida instável, ou pelas precariedades de condições econômicas.

Por outro lado, apesar do peso que tem a família patriarcal nos estudos da família, desde a década de 80 do século passado, os pesquisadores da família brasileira têm insistido sobre a multiplicidade de modelos familiares. Mesmo na colônia não existia apenas a família patriarcal, já nos tempos coloniais coexistiam distintos padrões familiares no mundo dos engenhos e dentro desse leque de estruturas familiares se insere, em especial, aquelas que são chefiadas por mulheres. A existência desse tipo de família tem sido invisibilizada por uma ênfase em apenas uma forma de organização familiar no Brasil (CORRÊA, Mariza, 1993). Entretanto os estudos que se seguem demonstram que a proporção em termos de número de famílias chefiadas por mulheres é não desprezível e sugerem que a sociedade brasileira era bem menos "patriarcal" do que a ideologia dominante. (WOORTMANN, Klass; WOORTMANN, Ellen, 2002).

Segundo Cinthya Sarti, “pensar em família no Brasil é pensar em mudanças e padrões difusos de relacionamento, se torna cada vez mais difícil associá-la à ideia de natureza já que os acontecimentos ligados a ela distanciam-se dos modelos ideais biológicos, configurando assim, diferentes respostas sociais e culturais” (SARTI, Cinthya, 1996, p.31). É pensando acerca da elasticidade que a família contemporânea comporta que incito uma reflexão acerca das mulheres chefes de famílias e das famílias chefiadas por mulheres.

Compreendo, portanto, que o próprio estudo de mulher-chefe-de-família no Brasil contribui para vislumbrar outros modelos familiares. Além do mais, esses estudos de mulher-chefe-de-família suscitam algumas questões que dizem respeito à: 1. divisão sexual do trabalho;

2. tripla jornada de trabalho e vulnerabilidade econômica dessas mulheres; 3. Autoridade na família.

O primeiro desdobramento quando se pensa em mulher-chefe-de-família é ponderar acerca da divisão do trabalho, especificamente, da divisão sexual do trabalho. “A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos” (KERGOAT; HIRATA, 2007). Essa concepção é pautada nas relações que associam homens à esfera de produção e mulheres à esfera de reprodução. Essa divisão do trabalho entre homens e mulheres, é necessariamente marcada por uma concepção ou relação entre produção e reprodução (ÁVILA, Maria, 2015). O trabalho produtivo, portanto, é aquele no qual os teóricos reconheciam como gerador de valor econômico e o trabalho reprodutivo é estabelecido pela esfera do consumo, onde não há geração de mercadorias, e se realiza no espaço doméstico.

A concepção de divisão sexual do trabalho de acordo com Kergoat e Hirata compreende um princípio hierárquico no qual remete o trabalho do homem como aquele de maior valor. Nesse sentido as mulheres historicamente estiveram majoritariamente em uma esfera de reprodução e os homens, majoritariamente em uma esfera de produção. No decorrer do tempo, essa situação se altera gradativamente e as mulheres conquistam espaços na esfera produtiva. O mesmo não ocorre com o trabalho reprodutivo, visto que, não há a inserção masculina na esfera reprodutiva e as mulheres vão para o mercado de trabalho levando consigo a responsabilidade do trabalho reprodutivo que se mantém feminilizado. Daí o questionamento: quem fica com esse trabalho reprodutivo na ausência da presença feminina que antes o executava?

Tomo para pensar a divisão sexual do trabalho nessa amostra de grupos familiares chefiados por mulheres a concepção de modelo de conciliação, no qual cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional e o modelo de delegação, nos quais as mulheres delegam as atividades da esfera reprodutiva à outras mulheres (KERGOAT; HIRATA, 2007). Em geral nestes modelos, aos homens são destinadas poucas tarefas domésticas, a qual aparece nas palavras das minhas interlocutoras como “ele não pega direto”. O homem ajuda com pequenas atividades (limpar o pátio e ser motorista). Ao pensar trabalho produtivo e reprodutivo nesses grupos familiares que são chefiados por mulheres, tentarei mostrar a partir das entrevistas, como que algumas interlocutoras conciliam trabalho produtivo e reprodutivo e outras, ao mesmo tempo que conciliam, delegam o trabalho reprodutivo para outras mulheres.

Por segundo, pensar famílias chefiadas por mulheres suscita uma discussão acerca de sua vulnerabilidade. Os primeiros estudos sobre famílias chefiadas por mulheres no Brasil foram desenvolvidos pautados no argumento de que essas famílias estão em uma condição de

marginalidade econômica e vulnerabilidade social. Carmem Barroso, uma das principais pioneiras nos estudos de famílias chefiadas por mulheres, desenvolveu no Brasil uma pesquisa no ano de 1978, sobre mulheres chefes de família com base nos dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do estado de São Paulo. Essa nos diz que “entre 25% e 30% de todos os domicílios no mundo são chefiados por mulheres e que essas famílias constituem uma parte substancial das camadas mais pobres de todos os países, sendo provavelmente situadas no nível mais grave de miséria.” (BARROSO, Carmem, 1978, p. 457).

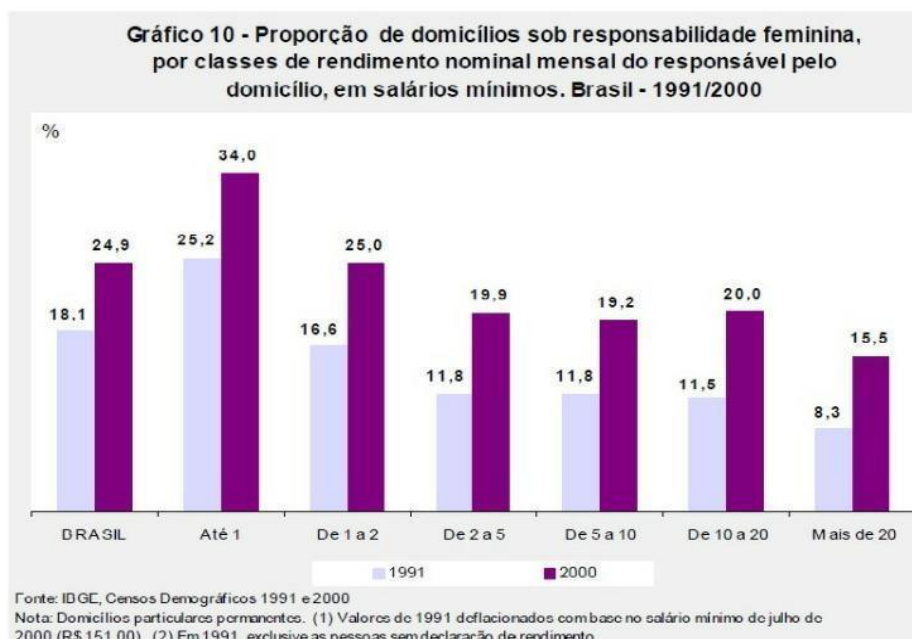
Além de estarem em uma situação de marginalidade econômica, essa pesquisa aponta que o perfil educacional dessas mulheres no Brasil, diz respeito à uma baixa escolaridade o que acaba dificultando sua entrada no mercado de trabalho formal e limita suas oportunidades nessa esfera de atuação. Assim, “as mulheres chefes de família têm probabilidade mais alta de estarem desempregadas que a dos homens e, quando empregadas, sua probabilidade de estar no setor informal é muito maior” (BARROSO, Carmem, 1978, p. 468). A partir desse estudo Carmem Barroso nos informa que “a chefia de famílias por mulheres está estritamente ligada à pobreza. Seja na América Latina, na África ou na Ásia é nas camadas pobres que as mulheres estão se tornando o único arrimo econômico de suas famílias.” (BARROSO, Carmem, 1978, p. 470).

Com o passar dos anos, surgiram pesquisas que problematizaram modelos estanques de família. Marcia Macedo, inspirada nas palavras de González de la Rocha, defende que é necessário compreender a complexidade desses domicílios e a diversidade de respostas que emergem ante as dificuldades econômicas e que, tendo em vista que a família é um objeto multifacetado:

O processo de diversificação das estruturas familiares vai provocar a construção de novos cenários sociais onde se podem observar mudanças nas relações sociais, nos padrões de socialização e nos padrões de geração e uso dos recursos e também na distribuição de responsabilidades (MACEDO, Márcia, p.399)

Na década de 80 do século passado, estudos históricos (SAMARA, Eni, 1993) e antropológicos (CORRÊA, Mariza, 1993; FONSECA, Cláudia, 2000) apontaram para uma variabilidade de modelos familiares e mulheres das classes médias chefiando famílias começaram a ter mais visibilidade. A categoria mulher-chefe-de-família recebe de acordo com os contextos. Embora, segundo o IBGE “nas faixas de rendimento mais elevadas, no entanto, não são encontradas proporções tão altas de responsabilidade feminina: ao contrário, o percentual

tende a cair tanto mais elevadas forem as faixas de rendimento dos responsáveis”² (2000, p. 19). Por outro lado, não é desprezível entre os estratos mais abastados a presença de mulheres cuidando sozinha de seus lares e filhos:



Outro delineamento dos estudos sobre chefia feminina versam sobre a autoridade no lar. Cynthia Sarti (1996) ao pensar a família pobre como um universo moral informa uma divisão complementar de autoridade entre homem e mulher que corresponde à uma diferenciação entre casa e família. Nos casos em que a mulher assume a responsabilidade econômica do lar, ocorrem modificações importantes no jogo de relações de autoridade e ela pode de fato assumir o papel do homem como “chefe de família” e definir-se como tal.” (SARTI, Cynthia. 2015, p. 40). Enquanto Sarti fala em complementariedade, Cláudia Fonseca (2000) no reconhecido artigo “aliados e rivais na família”, desloca o foco do casal para a relação persistente entre a mãe e seus filhos, as irmãs e os irmãos. Segundo Parry Scott (2000) a mulher se designa chefe de família quase sempre na completa ausência de um parceiro masculino. Conquanto, o que acontece com os homens é o movimento inverso, eles se designam chefes na presença da esposa e dos filhos.

O resultado desses debates e a complexificação das análises trazem ao lado da autoridade outros fenômenos tais como, a organização geral das atividades domésticas, a manutenção econômica do lar, o cuidado com os filhos, a articulação entre casa e trabalho (PICANÇO, Felícia, 2005) e outros mecanismos que são evocados nas entrevistas, como sentimentos e emoções, que fazem juz à situação de chefia.

² Acesso em: 03/11/2019

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66197.pdf>

A família chefiada por mulher acaba assim recebendo outros nomes, abarcando fenômenos distintos como monoparentalidade e a matrifocalidade (WOORTMANN, Klass; WOORTMANN, Ellen, 2002). Entretanto, nesta pesquisa preferimos o emprego da categoria de mulheres-chefes-de-família como centro da análise. Esta escolha se dá em decorrência de encontrar na pesquisa de campo mulheres sozinhas criando seus filhos sem uma presença masculina ou, com um homem que teve um acidente vascular com várias sequelas em termos de mobilidade e fala e que não exerce influência no lar e também, por serem todas de baixa renda e baixa escolaridade. Entretanto, também é preciso referir que entre as minhas entrevistadas, a expressão nativa é “aquela que sustenta o lar”, que como tentarei descrever neste trabalho significa muito mais do que manter sozinha economicamente os filhos.

Para finalizar esse quadro teórico sobre chefia feminina trago um questionamento acerca do ser chefe de família. Parry Scott (2000) na sua análise nos provoca a pensar se as mulheres chefes de família querem ou não querem ser chefes sozinhas? Apresenta dois argumentos que tomarei como base para orientar a leitura das narrativas das interlocutoras de acordo a subjetivação do ser mulher-chefe-de-família e assim, compreender de que lado da moeda essas mulheres estão. Por um lado, tem-se o argumento de que ela é vitimizada por um sistema econômico injusto e desigual, por outro a coloca em uma situação de esperteza que sabem o que querem e que afastam homens improdutivos do cotidiano da vida.

Por fim ao inserir uma análise sobre uma chefia feminina, defendo que tal categoria, levando em consideração a posição da mulher enquanto chefe na família permite uma maior mobilização de autoridade feminina para além da casa, rompendo de certa forma com uma dominação masculina na família, como tentarei mostrar a partir das entrevistas.

3. Dos caminhos e ferramentas metodológicas

Na construção do meu TCC passei por uma série de orientações³ diferentes que mesmo que em algum momento estabeleceram algumas rupturas e replanejamento de estratégias de

³ Construí meu projeto de pesquisa na área da sociologia sob orientação da Prof^a. Dr^a. Mariana Selister que é coordenadora do Projeto de Pesquisa em Metodologia Feminista do qual eu era integrante. Mais tarde, adentrei a campo com os ensinamentos metodológicos da Prof^a Dr^a Zulmira Borges Newlands, coordenadora do GEPACS (Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia, Cultura e Saúde) do qual eu era bolsista monitora. Por questões de impasses que surgiram no decorrer da pesquisa, atualmente, estou sob orientação da Prof^a Dr^a Jurema Gorski Brites. Deixo aqui meu agradecimento à essas mulheres que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e contribuíram significativamente para esse trabalho.

pesquisa, também foram fundamentais para construir meu objeto e desenvolver metodologias de pesquisa e técnicas de coleta de campo apropriadas.

No processo de construção tanto do objeto, quanto do recorte da pesquisa empírica, uma figura se fez importante e contribui imensamente para que, de fato, a pesquisa se efetive. Reitero aqui a presença postulada inicialmente, que é a minha figura materna. Solange⁴ (mulher-chefe-de-família, 53 anos, professora de rede estadual, mãe de dois filhos), além de me proporcionar indagações iniciais em relação às mulheres chefes de família, contribuiu com indicações das seguintes interlocutoras para a efetivação da mesma. A relação estabelecida entre nós duas, também faz parte da minha caminhada ao conhecimento enquanto pesquisadora e antropóloga. Compreender a sua vida, não do lugar de filha, mas enquanto suas possibilidades e escolhas de ter uma família sem a presença da autoridade moral de um homem, sem seu auxílio financeiro, aguçou meu olhar para um fenômeno que não dizia respeito somente a minha família. Não posso deixar essa mulher nos bastidores da pesquisa e de fora da análise aqui estabelecida, visto que ela é muito importante para a pesquisa como um todo, pois também é a partir dela que a rede de interlocutoras tem sua gestação. Proponho nesta pesquisa, na medida em que desenvolvo essa relação e deixo explícita essa situação, uma antropologia situada, que abre espaço não só para o desenvolvimento da subjetividade da/o antropóloga/o e de como esta contribui e faz parte do se fazer pesquisa, mas também do desenvolvimento de uma antropologia à moda *Anthropological Blues* (DA MATTA, Roberto, 1978), que é trazer para o centro da pesquisa a análise de uma área da prática antropológica na qual elementos que não são esperados pelo antropólogo se fazem presente no campo, assim como as emoções e, aqui especificamente, a presença da minha figura materna.

Então, como que eu aprendo a lidar com “os Blues” que surgem no decorrer da pesquisa? A partir das orientações efetuadas no decorrer do curso e propiciadas pelas minhas orientadoras; das metodologias empregadas na pesquisa; do exercício de disciplinar o olhar (OLIVEIRA, Roberto, 2000) através das teorias; e a partir dos autores que me ensinam que levar em conta a minha subjetividade não é estudar só a mim mesma, mas usar meu sujeito histórico como uma fricção para orientar o outro.

⁴ Com exceção de Solange, minha mãe as demais pesquisadas, os nomes foram substituídos por pseudônimos. Os nomes fictícios foram de livre escolha pelas próprias interlocutoras, que são: Laura, Luana, Isabel e Mariana. (Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga e na Resolução 510)

Assim optei por uma pesquisa qualitativa de abordagem indutiva, no período de abril a junho efetuou-se a realização da coleta de dados. Para isso foi utilizado o método de amostragem não probabilística em bola de neve (VINUTO, Juliana, 2014) e como técnica a entrevista narrativa (FLICK, Uwe, 2009). Esta metodologia foi selecionada com o intuito de que as mulheres narrassem suas histórias de vida com detalhes contextuais para uma melhor compreensão situação das mesmas. Para aplicação de tal técnica se desenvolveu a construção de uma rede de interlocutoras a partir método de bola de neve. A amostragem em bola de neve serve para pesquisar grupos que são difíceis de ser acessados. Para este processo se escolhe um pequeno número de indivíduos que representam uma população com determinadas características e que depois agem como interlocutoras, atuando como sementes, que passam a recomendar outros indivíduos com características semelhantes e que seguem esse determinado perfil. As características selecionadas para formar o grupo que eu desejava investigar eram: ser mulher-chefe-de-família, trabalhadora, ter filhos (dois ou mais).

Alguns limites se fazem presente nesta pesquisa, especificamente, em termos de tempo e de amostra. Não me concentrei em nenhum bairro ou qualquer delimitação institucional onde pudesse encontrar mulheres-chefes-de-família. Meu objetivo é compreender como algumas mulheres relatavam a experiência de ser chefe de família, que naquele momento, de acordo com as minhas leituras eram marcadas pela vulnerabilidade de criar seus filhos sem a presença do companheiro. A solução que encontrei para formar essa rede foi, de maneira viável e imediata, a amostragem não probabilística em bola de neve. Por questões de tempo a amostra é pequena se constituindo de quatro interlocutoras. Não pretendo com esta pesquisa exploratória agregar generalizações referentes ao fenômeno de famílias chefiadas por mulheres, nesse sentido, o que fiz foi tomar esses casos como exemplos ilustrativos para pensar a discussão que o termo mulher-chefe-de-família suscita.

A rede de pesquisadas se efetivou com a participação de quatro interlocutoras da região central do Rio grande do Sul. Destas, três são da cidade de Agudo e uma, da cidade de Santa Maria, cidades estas que distam 60 km uma da outra. Agudo, com 17.000 habitantes caracteriza-se por ser uma cidade interiorana com área predominantemente rural, por isso as rendas familiares, em sua maioria, advém da agricultura e da agropecuária. Ainda, sendo uma cidade da quarta colônia e de imigração, a população agudense caracteriza-se por ser, predominantemente de origem alemã. Já Santa Maria abarca um número de habitantes significativo em relação à Agudo, totalizando 277.309. Por ser um forte centro universitário, Santa Maria tem uma área territorial extensa e um desenvolvimento comercial maior em relação à primeira.

Na subseção a seguir desenvolvo o perfil socioeconômico das mulheres chefes de família e traço o perfil das famílias entrevistadas.

4. As famílias entrevistadas

O grupo de pesquisa, traçado nos dois quadros abaixo delinham o perfil socioeconômico das entrevistadas e a composição do núcleo doméstico:

Nome	Idade	Escolaridade	Renda	Atividade de trabalho
Laura	34 anos	Ensino Fundamental completo	1.500	Doméstica (trabalho informal)
Luana	50 anos	Ensino Médio completo	1.500	Manicure (trabalho informal) + pensão
Isabel	41 anos	Ensino Fundamental incompleto	5.000	Doméstica (trabalho informal+ carteira assinada)
Mariana	53 anos	Ensino Médio completo	5.000	Feirante (trabalho informal) + pensão

Quadro 01 - Dados socioeconômicos das mulheres chefes de família

Nome	Local de Moradia	Número de Filhos	Situação conjugal	Unidade Doméstica
Laura	Agudo - RS	2	Separada	Mulher chefe de família + pais + 2 filhos
Luana	Agudo - RS	2	Viúva	Mulher chefe de família + 1 filha
Isabel	Santa Maria - RS	5	Separada	Mulher chefe de família + 4 filhos
Mariana	Agudo - RS	2	Casada	Mulher chefe de família + marido + 2 filhas + genro + neta

Quadro 02 - Dados referentes à unidade doméstica das mulheres chefes de família.

Laura, a primeira entrevistada, tem 34 anos, a mais jovem de todas. É separada, mãe de dois filhos. O menino tem 16 anos e está no 1º ano do ensino médio e a menina tem 7 anos e está no ensino fundamental. Eles moram no interior da cidade de Agudo, junto com os pais de Laura, com quem ela divide o domicílio e as contas da casa. Eles moram em casa própria, que é do pai.

A casa é muito simples, sem muitos requintes, antiga, de madeira, embora haja bastante cômodos de maneira que cada um tenha seu quarto e seu espaço. Laura é doméstica, não tem carteira assinada e não tem local fixo de trabalho. Ela percorre a comunidade e várias casas fazendo faxina, recebe por hora. Sua renda total é de 1500 reais por mês e esta cobre luz, água, parte da alimentação da casa (a outra metade o pai que paga) e as demandas dos filhos.

Laura tem ensino fundamental completo, mas fala com entusiasmo sobre estudo afirmando que faz de tudo pra que seus filhos tenham acesso à ele, segundo ela:

Hoje eu incentivo muito o Felipe e também a Fernanda que está indo agora na segunda série, sempre digo “estudem, estudem” porque quando eu terminei o primeiro grau, aí meus pais “não, tu tem que ir pra roça” não podia estudar, eu tanto queria estudar, não podia estudar. Eu tanto queria fazer uma coisa, não não podia, tinha que ficar em casa, não podia sair. (Laura, 34 anos).

Percebido seu entusiasmo e a valorização dada ao estudo, questionei sobre o porquê de não ingressar ela mesmo na escola e concluir mais uma etapa educacional. Laura: “Eu não volto a estudar porque eu trabalho o dia inteiro e de noite eu preciso ajudar a Clara com os temas, aí é difícil. Se fosse nos sábados de manhãs, seria bom pra mim. Mas eu gostaria de fazer o segundo grau, é sempre bom, sempre tu aprende mais.” (34 anos)

Luana tem 50 anos de idade, duas filhas, ensino médio completo e é manicure. Apenas uma das filhas mora com ela, Alice, a filha mais nova de 19 anos, ela não trabalha, só estuda. A outra filha, Joana, mora na cidade de Restinga Seca, e sempre que pode, Luana vai visitá-la. Elas moram em um apartamento localizado no centro da cidade de Agudo. O valor do aluguel investido no apartamento é o valor que resulta do aluguel da sua casa própria na cidade de Restinga Seca, o que recebe lá, paga o aluguel em Agudo. O valor do aluguel já esta incluso na renda total mensal, que é de 1500 reais, essa renda diz respeito à valor do aluguel, pensão do marido falecido e do trabalho de manicure. Ela trabalha como manicure por conta própria, não tem local fixo de trabalho, mas sim algumas clientes fixas, Ela concluiu o ensino médio recentemente e fez o ENCCEJA (Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos).

Isabel tem 41 anos. É a única delas que tem carteira assinada em um dos turnos de trabalho. Ela trabalha de manhã em uma empresa de serviços terceirizados e a tarde em casa de família. Mesmo sem as garantias trabalhistas, a jornada como trabalhadora doméstica é mais flexível. Ela consegue negociar várias vantagens na relação com uma família de “bem de vida” que pagam um bom salário e saídas quando necessário (BRITES, 2003). Sua renda mensal total

é de 5000 reais. Os filhos mais velhos trabalham para suprir suas demandas pessoais como roupa, consumo tecnológico e outros, as despesas como a comida e as contas da casa são responsabilidade da mãe. Isabel é moradora do Km 3 na cidade de Santa Maria. Com casa própria, Isabel mora com quatro dos cinco filhos de duas relações conjugais diferentes. Ela mora com 4 deles, mas a filha mais velha já casou e foi morar com o marido. Isabel não concluiu o ensino fundamental. Justificativa que, ao passar para o segundo grau fez-se necessário a transferência de escola. Na nova escola, a língua estrangeira estudada é o inglês que ela relata ter muita dificuldades. Assim, mesmo com o desejo de estudar, os impedimentos são muito grandes.

Mariana tem 53 anos. Diferente das demais é casada. No seu entendimento ela é a chefe na medida em que cria os filhos sozinha. O marido ao contrair uma meningite bacteriana, acabou. Ele é um doente crônico, que tem vida vegetativa e assim não tem mais influência no lar. Isso ocorreu quando ainda as filhas eram pequenas. Hoje as filhas, uma com 22 e a outra com 19 ainda moram com ela. Os residentes da unidade doméstica são: ela, o marido Pedro, as duas filhas, Maitê e Carla, o genro Juliano e a neta, Clara. Ela tem casa própria no interior de Agudo a pouco tempo e a única renda do domicílio é a sua e a pensão do marido, aposentado devido ao ocorrido, que ao todo resulta em 5000 reais por mês e que por ela é administrada. Ela terminou o Ensino Médio da mesma maneira que Luana, via prova do ENCCEJA.

Portanto, o quadro de número 01 informa dados socioeconômicos básicos referentes à rede de interlocutoras selecionada, como idade, escolaridade, renda salarial e atividade de trabalho. As famílias que entrevistei são pertencentes às classes de baixa renda e que na maioria delas, quem é responsável pela renda total familiar é a mulher e que quanto mais alta a renda da chefe de família, maior o número de pessoas que residem nesta unidade doméstica. As famílias chefiadas por mulheres cuja renda são acima de um salário e meio, cresce o número de membros por residência, como no caso de Isabel e de Mariana. No caso de Laura, por morar junto com os pais, as contas são divididas entre ela e o pai.

Estas mulheres já tiveram outras relações conjugais, no momento da pesquisa de campo, reitero, que se passa de abril a junho, duas eram separadas, uma viúva e uma, mesmo que tendo um marido vivo em casa, era como se fosse sozinha já que ele é acamado.

Dado o delineamento do perfil socioeconômico das mulheres chefes de família, passo agora a uma análise da subjetivação da mulher-chefe-de-família. De antemão, tal análise é relacionada ao objetivo específico de compreender a subjetivação da mulher-chefe-de-família, respectivamente o que é ser chefe de família e o que a designa enquanto tal.

5. Dinâmicas de trabalho produtivo e reprodutivo em famílias chefiadas por mulheres

O desenvolvimento deste tópico fundamenta-se na organização do trabalho produtivo e reprodutivo em famílias chefiadas por mulheres. Em especial, abordará um dos objetivos específicos do projeto inicial desta pesquisa que é a identificação da figura responsável pelo trabalho reprodutivo nas unidades domésticas pesquisadas; de como que estão dispostas as tarefas reprodutivas de acordo com os membros da família e se há efetivamente uma divisão do trabalho reprodutivo; se há uma divisão do trabalho e se essa divisão é uma divisão sexual do trabalho.

Para dar início à análise destas categorias e questionamentos, tomo a própria referência das entrevistadas. Estas faziam menção recorrente a estas relações nas famílias de origem. Essas falas são demasiadas importantes porque, em sua maioria, versam sobre como que tais tarefas são apreendidas pela interlocutora na infância, de que modo são apreendidas e quem as ensina. Versam em última instância sobre práticas culturais, que dizem respeito não só a concepções de trabalho, mas também à relações de gênero, tendo em vista que a divisão sexual do trabalho é um elemento que estrutura as relações de gênero.

Em relação às famílias de origem das entrevistas, as narrativas apontam para uma forte marcação de gênero nas atividades domésticas e na divisão entre trabalho produtivo e reprodutivo. Conseqüentemente, tendo em vista essa divisão, na esfera reprodutiva há pouca, ou quase nada, participação dos homens desempenhando essas atividades domésticas:

Os meus irmãos ajudavam em casa, quando tinha algo pra fazer, secavam a louça, faziam, mas não pegavam direto. A gente se ajudava, eu sempre tinha que lavar tudo as roupas do meu irmão, deixar tudo prontinho os tênis tudo eu tinha que lavar sempre. Tinha que deixar prontinho pra quando chegava fim de semana eles iam para as festas, para os bailes, tinha que estar tudo prontinho e limpinho. A gente fazia tudo em casa e ainda tinha que ajudar na lavoura, tinha que colher o fumo, cana, milho. (Laura, 34 anos)

Laura é a única filha mulher, a caçula da prole. Vê-se que na sua voz há o reconhecimento da figura masculina em algumas das atividades doméstica como secar louça, mas que não é uma atividade efetiva e constante pois, diz que os irmãos “não pegavam direto”. Ainda, percebe-se que essas atividades domésticas são de responsabilidades femininas na medida em que relata que elas abarcam tarefas de limpeza que são estritamente individuais e que ela mesma desempenha, como limpar os tênis dos irmãos, rompendo assim, com os limites do coletivo. Relatos semelhantes são mobilizados também por outras interlocutoras, como Luana, ao fazer

memória de seu irmão: “E do meu irmão mais novo eu também me lembro porque ele pagava um real pra nós buscar os cavalo, lavar os pés dele ele também pagava um real.” (Luana, 50 anos).

Outras passagens ao se referir ao trabalho doméstico demonstram o emprego do pronome feminino como “ela” referindo-se à figura materna ou então fazendo menção à presença da irmã na realização dessas atividades, como na passagem abaixo:

Ela fazia comida, ela fazia comida. A gente tirava leite, a gente tinha que lavar a louça, enxugar a louça, limpar a casa e varrer terreno, buscar água, e ela fazia comida. A minha irmã mais velha e eu ia junto, de um lado a trouxa de roupa e o outro lado ela agarrava eu no colo, que era 10 anos mais velha que eu. (Luana, 50 anos)

A figura materna é sempre reportada ao exercício das atividades domésticas, bem como outras figuras femininas como as irmãs na ausência da primeira no lar. Isabel, ao ser indagada sobre sua criação foi realizada por sua mãe, que era a provedora do sustento financeiro da casa. Como a mãe trabalhava fora, as responsáveis pelo trabalho doméstico no lar é ela e a irmã, que revezam as atividades no dia a dia. Isabel descreve:

E daí como eu e minha irmã, uma estudava de manhã e outra estudava de tarde a gente costuma reverter, ela estudava de manhã e eu ficava fazendo as coisas, aí de tarde ela ficava e eu ia pra escola e ela fazia, então a gente sempre cuida da casa e do meu irmão que é o mais novo no caso, ele já tá com 28, então a gente que cuidava dele e da minha irmã que é um ano mais nova também, mas ela também ajudava, dava uma ajudada, mas não sabia muita coisa né. Mas a gente sempre cuidou da casa, eu e minha irmã. E daí eu limpava a louça de manhã e fazia almoço e arrumava os quarto, eu fazia mais ou menos isso aí. De tarde minha irmã chegava da escola meio dia, meio dia época, daí eu ia pra escola, daí ela limpava a louça do almoço, ela lavava roupa, a gente buscava água no poço. E então ela lavava as roupas e cuidava da casa, fazia o café da tarde, a gente fazia o básico né, mas a gente fazia. (Isabel, 41 anos).

A figura paterna pouco aparece nos relatos das interlocutoras. A figura paterna aparece exercendo poder, na maioria dos casos, à base da violência. Segundo Mariana, ao justificar a ausência da família biológica na sua criação e dos irmãos, comunica que:

A gente não foi criado por eles assim porque o pai e a mãe brigavam muito, o pai brigava com a mãe, ele era uma pessoa muito violenta, embora ele não bebesse,

mas ele era um peão de estância muito violento, acho que ele achava que as pessoas também eram animais. E não era só com nós, quando ele ia nas carreras, também assim antigamente, e aí assim era muito horrível. Até os 6 anos aí eu fiquei com eles e depois a mãe foi embora, fugiu de casa e a gente ficou, fiquei acho que quase um ano, um ano e pouco. (Mariana, 53 anos).

Ao contrário do que se espera em uma perspectiva complementar, o homem, aquele no qual deveria exercer o papel de autoridade moral e de mediador frente ao mundo externo, se mostra o contrário nos relatos dados pelas interlocutoras. Em simultâneo à essa imagem violenta dos homens, a figura paterna é dissociada de uma responsabilidade com a unidade doméstica e a família, e associada a uma imagem de comportamentos cotidianos ligados a bebidas e jogos assim como nos diz uma das interlocutoras: “porque o pai trabalhava pouco e o pai o que ganhava jogava, o pai gostava muito de jogar, jogo de bocha e carta” (Isabel, 41 anos). O pouco que o pai ganhava, portanto, não era despendido na unidade doméstica, rompendo assim com a função primária de pai provedor.

Tem-se, portanto, duas imagens a partir dos relatos das interlocutoras. A primeira é de mulher, seja ela mãe, filha ou irmã que é associada ao trabalho doméstico e a realização das atividades domésticas. A segunda imagem é a de homem, pai e irmão que é dissociado do trabalho doméstico e associado ao trabalho remunerado fora da unidade doméstica. Conquanto, as figuras masculinas, a partir dos relatos das interlocutoras, rompem com as expectativas de homem provedor enquanto chefe da família, na medida em que não cumpre com suas obrigações básicas que é relacionada ao sustento do lar.

Passamos agora a pensar como que se organiza a unidade doméstica da mulher- chefe-de-família e a dinâmica de trabalho produtivo e reprodutivo dessas mulheres. Em relação às atividades de trabalhos, estas são distintas e múltiplas de acordo com as interlocutoras. Todas as interlocutoras se encontram em uma esfera de trabalho produtivo, realizando atividades que não estão ligadas ao trabalho doméstico e que são necessárias na medida em que estas precisam suprir as necessidades básicas do lar.

Vê-se que a maioria delas apesar de estarem em uma esfera de trabalho produtivo, realizam um trabalho que não é de carteira assinada, um trabalho informal. Esses laços de informalidade permitem a elas uma maior mobilidade, na medida em que estas possam conciliar atividades produtivas e reprodutivas. Laura explica como que começou a trabalhar de doméstica no setor informal e as vantagens deste:

Quando vê vieram aqui embaixo da floricultura Imigrante pra mim e perguntaram se eu não queria limpar e aí eu comecei, ai vinha um, vinha outro e no fim agora sempre tem tantos que querem. Porque quando tem as coisas em casa eu faço também e as vezes eu tenho que ir na escola, eu vou na escola daí eu não trabalho naquele dia né. (Laura, 34 anos).

Portanto, o trabalho informal é vantajoso pois, permite que as mulheres possam dar conta de outras responsabilidades, tanto dentro do lar com afazeres domésticos e cuidado com as crianças, quanto fora, com outras esferas como às atividades escolares dos filhos. (BRITES, 2000)

Dada sua ausência no lar e na realização das tarefas domésticas, de acordo com a lógica complementar, “os papéis femininos, na impossibilidade de serem exercidos pela mãe-esposadona de casa, são igualmente transferidos para outras mulheres da família, de fora, ou de dentro da unidade doméstica” (SARTI, Cynthia, 1996, p. 47).

Tal afirmação de Cynthia Sarti vai ao encontro da constatação dos debates feministas de que, a figura responsável pelo trabalho reprodutivo, na maioria das vezes, é feminina. Seja esta, a própria mulher-chefe-de-família, acarretando em uma tripla jornada de trabalho. A filha, sendo esta a escolhida para as tarefas caso haja uma figura masculina. A doméstica ou a mãe da chefe de família e/ou irmã. Na nossa pequena amostra na maioria das unidades domésticas se tem por perto a presença de outras figuras femininas para além da mãe, para quem essas possam delegar o trabalho doméstico.

A gente mora aqui junto (com os pais) e nos dias que eu saio para fazer faxina ai a mãe cuida dos meus filhos. Ai de manhã eu saio de meio dia eu volto, arrumo a pequena pra ela ir pra aula. Aí depois que eu coloco a pequena no ônibus eu saio de novo pra ir trabalhar e de tardezinha eu volto. Em relação às tarefas domésticas, lavar a roupa eu lavo tudo, cozinhar é a mãe que cozinha, eu cozinhou de manhã as vezes, mas aí o pai não quer que faça de manhã, aí a mãe que faz o almoço. Mas aí de noite na janta eu ajudo ela. (Laura, 34 anos).

Ainda, sua atuação para fora da unidade doméstica é possibilitada pela mobilização de uma rede maior de parentesco, aqui representada pela atuação da avó nas atividades domésticas e de cuidado com as crianças.

Essa interlocutora quando se separa, retorna à casa dos pais e, quando a questiono sobre as motivações que a levaram a tomar essa decisão, esta me diz: “Nunca pensei em outro lugar, aqui por enquanto ta indo né? e que nem assim, a mãe cuida a Fernanda pra mim, se eu ir morar

em outro lugar onde que eu vou deixar? Aí só vou poder trabalhar meio turno, aí fica difícil e assim não, a mãe cuida ela.” (Laura, 34 anos). Portanto, a rede de parentesco é mobilizada com o intuito de facilitar a entrada desta no mercado de trabalho, tendo em vista as necessidades financeiras, diminuindo assim parte da responsabilidade com o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

Ainda, nesta unidade doméstica da qual Laura é chefe, ao falar sobre as crianças no lar, aponta para a presença do filho mais velho na realização de algumas atividades domésticas definidas. Mas, percebe-se na sua narrativa uma diferenciação da presença masculina e feminina nas atividades do lar:

As crianças as vezes organizam o quarto, as vezes não. A Fernanda sim, essa gosta, faz mais do que o Felipe. Para o Felipe sempre tem que dizer “arruma teu quarto”, só que antes la ele fazia, agora que tem que falar. Quando vem um amigo ele vai ligeiro lá arrumar. As vezes ele faz as vezes não, não sei porque isso. Lá ele guardava as roupas, dobrava, isso ele fazia. O Felipe ajuda se a gente pede pra recolher roupa, estender roupa, se tem alguma coisa na horta, que nem, eu planto morango, aí tem as vezes que tem que apanhar, aí ele ajuda. As tarefas dele é tratar os porcos e os cachorros. A Fernanda já quer ajudar, eu lavo a louça e ela já pega a toalha pra secar as louças, ela vê as coisas pra fazer, o Felipe se a gente pede ele faz, mas tem que pedir. (Laura, 34 anos).

Percebe-se, portanto, uma diferenciação marcada de gênero (SCOTT, Joan, 1989). A menina desempenha as atividades com gosto, sem questionar. Vê-se que o trabalho doméstico aos poucos já vai se incorporando na sua rotina. Sua fala em relação ao menino, diz respeito a uma reprodução da figura masculina, há, portanto uma participação do menino nas atividades doméstica, mas não é efetiva já que este “não pega direto”, tal qual os seus irmãos na sua unidade doméstica de origem.

Na casa de Isabel a lógica é outra. Isabel trabalha manhã e tarde para prover o sustento do lar, segundo ela faz 10 horas por dia de serviço com intervalo de 1 hora. A ausência quase que total de uma figura feminina que se responsabilize pelo trabalho doméstico e a autoridade da mãe frente à família e à casa, força os meninos à desempenharem tais tarefas. Isabel provém o sustento da casa, mas também é ela que distribui as tarefas domésticas aos filhos, de maneira organizada e complexa. Ela explica como se dá o funcionamento da rotina dos filhos e como que a realização das tarefas domésticas faz parte dela:

A gente funciona o seguinte, a Manu estuda de manhã, que é a de 6 anos, o Luís de manhã ele tá em casa ele levanta a hora que eu... Pra começar, eu começo assim, eu levanto 5:30 por aí tomo meu banho e passo café deixo na cafeteira, ligado na tomada pra ficar quente pra quando vão levantando e vão tomando. Aí eu saio e chamo o Mateus, que o Mateus ele estuda no Maneco, faz o 3º ano no Maneco. Aí dai ele levanta toma banho toma café organiza as coisas dele e chama o Moisés que é o que trabalha na Citroen aqui em Santa Maria que é a Citroen que tem, ele trabalha ali. Daí ele levanta se lava, se ajeita toma café arruma as coisas da Manu, a mochilinha pra escola com lanchinho e coisa, toma café e chama o Luis, que é o Luis que organiza a Manu pra ir pro colégio que é esse que tem 14. Aí ele chama a Manu, lava ela ajeita e bota a roupa, dá o Nescau e tudo e uma bolachinha, bota o lanche dela e vai pra escola e aí os guri já saíram tudo, o Mateus pro colégio, o Moisés pra trabalhar, o Luís volta pra casa em questão de 5 ou 10 min ele volta pra casa, organiza as camas, as coisas lá, a louça de noite fica limpa, a roupa quem chegar de meio dia bota na máquina, e agora graças a deus tem, o Mateus, o Moisés eles colocam na máquina e depois estendem ou deixam na máquina que tá pronto quando chegar eles estendem de tarde e o Luís ajeita a casa. Aí quem chega ao meio dia, um sempre vai chegar primeiro, esquenta o almoço. Aí o Luís tira papel do banheiro quando é dia de lixo, ele lava a loucinha que fica, porque depois do café fica xícara as coisa né, trocar toalha bater toalha lá fora né, aquela função... (Isabel, 41 anos)

Mariana assim como Isabel, realiza as atividades domésticas praticamente sozinha conciliando casa e trabalho. Quando a questiono sobre o trabalho doméstico, esta diz que “é muito triste, mas lá em casa agora que tá começando a Daniele a ter uma vida de dona de casa assim mais dona de casa, porque, era só eu assim. Cuidar do Pedro elas cuidam né aí o Juliano (genro) também cuida, mas o doméstico mesmo é comigo.” (Mariana, 53 anos). Com o marido acamado, em decorrência da contração de uma doença bacteriana que o deixou em estado de paralisia, passa a narrar esse fato como parte das atividades do lar, especificamente de atividades cuidado. E é só nesse momento, quando reporta aos cuidados com o marido, é que a informante insere a presença efetiva das filhas nas atividades do lar.

Mariana afirma, portanto, ser a principal responsável pelo trabalho doméstico, acarretando em uma dinâmica cotidiana de tripla jornada de trabalho pois “nunca fiquei só em casa, sempre trabalhei fora, conciliando atividades de fora e de dentro de casa. Aí eu trabalhei 2 anos no ctg⁵,

⁵ Centro de Tradições Gaúchas

depois fui morar lá pra cima e comecei a trabalhar nas feiras, na ice⁶, mas sempre trabalhava 2 turnos, trabalhava fora chegava em casa trabalhava também”. (Mariana, 53 anos, 06 de junho de 2019). Assim como Mariana, Luana realiza as atividades do lar sozinha, ainda que com a presença da filha em casa.

Neste núcleos domésticos, onde há meninos e meninas, ainda persiste o papel centrado nas mulheres desempenhando as tarefas domésticas deste lares. Os afazeres domésticos em geral são distribuídos entre as mulheres avós, mães e filhas. Os meninos, quando aparecem efetuando tarefas domésticas, são naquelas unidades domésticas que não há outra mulher para compartilhar os afazeres domésticos. E note-se são meninos, filhos, nunca homens adultos, irmãos ou companheiros.

6. Afinal o que é ser a chefe de família?

O questionamento que esta pesquisa ainda suscita é afinal o que é de fato, ser mulher-chefe-de-família? Quais são os elementos definem uma mulher como chefe no seio familiar. É a ausência de um parceiro? É o sustento econômico do lar? É ser mãe? É ser autoridade moral?

Eu precisava de uma indicação de possível entrevistada. Perguntei na portaria do prédio no qual eu estudo, se as mulheres trabalhadoras que estavam ali conheciam alguma mulher-chefe-de-família que se disponibilizasse a uma entrevista. Elas me olharam como que se não entendessem por completo esse signo da linguagem falada, mas prontamente uma das interlocutoras me respondeu “chefe de família tu diz aquela que sustenta o lar?”. Mais tarde fui compreender as diferenças das nossas linguagens, como mostrarei adiante.

Cynthia Sarti (1996) ao pensar a família como um universo moral informa uma divisão complementar de autoridade entre homem e mulher que corresponde à uma diferenciação entre casa e família. A família é identificada com o homem, ele é o chefe de família, e a casa é identificada com a mulher, ela é a chefe da casa. São pares complementares, entretanto, hierárquicos.

A ideia de complementariedade de autoridades, da casa e do lar entre as entrevistadas é percebida nas falas sobre a família de origem, quando ainda moravam com os seus pais, ou quando eram casadas, ou quando foram morar com o companheiro. A divisão do trabalho entre homem e mulher, entre trabalho produtivo e reprodutivo nesses casos eram bem marcadas e a autoridade moral nesses pares também, tanto masculina, quanto feminina.

⁶ Estabelecimento comercial

Laura, uma das informantes, descreve na entrevista suas atividades e de seu marido na época em que foram morar juntos.

Eu cuidava da casa, fazia comida, lavava as roupas, aí eu pegava o Felipe e me ia pra roça. Botava ele dentro da carroça, ele ficava ali e eu ajudando. Perto do meio dia chegava em casa fazia o almoço, daí as vezes tinha que fazer pão. O meu marido nesse tempo sempre tinha reuniões, tava junto no MPA⁷ e depois nos bombeiros aí ele sempre tinha reuniões. Ai nós tinha empregado, ele só mostrava o que tinha que fazer e se ia e eu tive que fazer tudo daí, na roça e em casa daí. Eu nunca participei das reuniões porque eu sempre tinha que trabalhar, não podia sair. (Laura, 34 anos).

Na família de origem, vê-se a presença masculina e o peso de autoridade moral desta. É o homem o responsável por mediar a família com o mundo externo, em reuniões com grupos ou na escola, por exemplo.

Por outro lado, aparecem falas que marcam e reforçam essa autoridade feminina estritamente relacionada à casa e as tarefas domésticas. Luana nos informa, ao relatar as tarefas na qual ela e os irmão eram responsáveis na infância, o peso da autoridade da materna dentro de casa: “a minha mãe capaz que ela ia deixar nós deixar uma louça suja, sujou um copo, lava, sujou um prato, lava, louça suja não podia existir lá, e nem roupa.” (Luana, 50 anos).

Para Sarti no caso da mulher-chefe-de-família acontece um deslocamento e esta passa a assumir um papel que em tese seria estritamente masculino, de autoridade moral, provedora, chefe do lar. É o que aos poucos ocorre nos lares na medida em que as mulheres tornam-se chefes. Nos casos em que a mulher assume a responsabilidade econômica do lar, ocorrem modificações importantes no jogo de relações de autoridade, e ela pode de fato assumir o papel do homem como “chefe de família” e definir-se como tal.” (SARTI, Cynthia, 2015, p. 40). No entanto, neste grupo de interlocutoras, elas não fazem um deslocamento de papéis, elas reavaliam a autoridade masculina dentro do lar e reelaboram as relações de autoridade de outra forma. Elas não são um pai dentro de casa e não agem de acordo com um, elas não assumem a figura de homem dentro do lar, elas são autoridade, mas não da mesma forma que eles.

Isabel relata que seu pai era muito agressivo e violento com sua mãe e por isso acabou tomando a decisão de sair de casa, pois, “ninguém vai gostar de apanhar, de tá trabalhando pra sustentar os filho a vida inteira, eu também não aceito”. Ela acrescenta que a sua se deu pelo

⁷ Movimento dos Pequenos Agricultores

mesmo motivo: “não aceito, me separei do meu ex marido por causa disso né, não porque eu apanhava, porque começou a faltar as coisas, por isso aí foi, que ocasionou tudo isso” (Isabel, 41 anos). Nesta situação de Isabel a chefia e autoridade feminina é reivindicada pela falta de responsabilidade do marido de não cumprir seu papel de autoridade e prover o sustento da casa.

Isabel, entre as entrevistadas, é a mulher com discurso mais assertivo sobre o abuso do poder dos homens. Com a separação ela manda o marido para fora de casa. Isabel assume a figura de autoridade do núcleo familiar, mas não de pai. Essa autoridade implica na formação de uma mãe que seja forte e redistribua as tarefas aos filhos. Ao descrever como funcionam as atividades domésticas em sua casa fala dessa autoridade frente à distribuição das atividades dos filhos, crianças e adolescentes, feita por ela e, ao finalizar faz menção às atividades do filho mais novo: “ele passa até pano, que eu tenho pavor porque eu errei, meu piso é branco então qualquer coisa que suja, o Luís vai lá e corre o pano então já tem essa mania, aí toma café, ajeita coisa do banheiro fica bem limpinha a casa, porque eu acostumei eles a limpar.” (Isabel, 41 anos)

Há dentro da nossa amostra de pesquisa uma das interlocutoras que mantêm uma relação conjugal estável e ainda assim é considerada chefe de família, já que ele não tem influência no lar. Ser chefe de família é antes de tudo, tomar posicionamento de uma autoridade no interior do núcleo familiar e tomar esse posicionamento implica outras atividades externas e internas, financeiras e de organização doméstica. Esse segundo aspecto, o de organização doméstica está relacionado à distribuição de tarefas entre os membros da família como no caso de Isabel. Mas há ainda um terceiro aspecto, elencado pelas entrevistadas: a liberdade de organização e convívio melhor dentro casa com os filhos, sem a presença dos maridos.

As narrativas apontam para uma multiplicidade de acordo com esses argumentos. Mencionei o caso de Isabel que visivelmente posiciona-se, a partir de uma tomada de posição de autoridade dentro do lar. De acordo com a distribuição de tarefas se tornando agente ativa de sua posição atual de chefe de família. Laura, por outro lado, positiva sua atual situação de chefe de família, pois aponta para uma forte independência econômica pessoal. Ser chefe de família não é um fardo, é estar livre do controle do marido.

Hoje eu tô bem, hoje eu também posso comprar o que eu gosto, antes eu não podia comprar o que eu queria comprar. Tinha que ir nas lojas e dizer eu quero aquela blusa, a mãe dele trazia quando ela ia pra Agudo e era essa ali e deu. Hoje não, hoje eu posso ir, posso comprar. Eu só ia pra cidade as vezes, no mercado fazer rancho, mas lá de vez em quando, não era sempre porque daí o Cristiano fazia as compras. Que nem ir no banco, quando que eu ia no banco, ele ia lá digitava as coisas eu não fazia, não sabia fazer. Quando eu separei tive que

abrir uma conta, aí eu tive que aprender, hoje eu sei fazer. Agora eu também tenho carteira, se eu tivesse ficado lá não sei se eu teria carteira hoje. (Laura, 34 anos)

A narrativa das outras duas interlocutoras apontam, não para uma vitimização econômica, mas para um desejo afetivo da figura masculina. Luana ao ser questionada sobre suas uniões conjugais qualifica como ótimo e reforça, “e eu pretendo ter outro cara que vai viver comigo.”, ao perguntar o porquê” essa responde: “ porque eu gosto, de ter um companheiro, eu gosto de ser amada e dar amor, eu gosto de amar uma pessoa , eu trato a pessoa bem, mas ela tem que me tratar bem também.” (Luana, 50 anos).

Apesar de haver um desejo de manter uma vida afetiva, isso não influencia na sua realização enquanto chefe de famílias, as emoções evocadas por esta informante positivam a situação de chefia: “adoro, sou feliz pra caramba. Faço tudo por elas, quando eu vou pra Restinga eu também faço tudo pela outra limpo, lavo, ajeito, faço a comida, limpo a loja, eu gosto de trabalhar. Nós fumo criado pra trabalhar, nunca tive ninguém que me ajudou, sempre me virei sozinha.” (Luana, 50 anos).

Por fim, as narrativas motivadas pelas interlocutoras não se inserem no argumento de que há por parte destas uma vitimização econômica. Nesse sentido, elas mobilizam várias significações a partir de suas subjetivações pessoais, que vão ao encontro de uma valorização da experiência de conseguir criar os filhos sozinhas (pelo menos sem um homem porque às vezes contam com uma rede feminina de avós). Elas se consideram guerreiras, fortes, capazes e orgulhosas. Mas por trás de tudo isso havia também um sentido de não estar mais à mercê do controle dos homens.

Portanto, de acordo com essa amostra, ser chefe de família é de acordo com a expressão nativa, “ser aquela que sustenta o lar”. Isso significa muito mais do que manter sozinha economicamente os filhos, é sustentar a casa sozinha, com amor, dinheiro, educação, criar os filhos sem a ajuda de homens, companheiros ou maridos, “pegar direto” e ser uma mulher guerreira e “liberta”.

7. Conclusão

Essa pesquisa se desenvolveu para compreender o fenômeno da chefia feminina e aspectos que este compreende, implica tanto na perspectiva da bibliografia sobre o tema, como no exercício de uma pequena incursão de pesquisa de campo. Mesmo que de maneira incipiente procurei identificar a situação econômica e educacional, faixa etária, situação conjugal, número

de filhos, local de moradia e atividade de trabalho e renda. Tracei um panorama das relações familiares interpessoais e de parentesco de cada família, bem como quem mora com quem, e o papel da mulher-chefe-de-família nestas unidades domésticas. Na parte 5 deste trabalho, estudei as dinâmicas de trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano destas mulheres. Esta pesquisa teve também como objetivo compreender a subjetivação da mulher-chefe-de-família em suas atividades cotidianas. Procurei desenvolver estas reflexões a partir das perspectivas das entrevistadas na parte 6, que versa sobre o ser chefe de família, na qual buscamos identificar quem é o responsável pelo trabalho reprodutivo nessas unidades.

Em relação ao trabalho produtivo e reprodutivo, concluímos que há uma mudança de papéis de gênero de acordo com a família de origem e a família atual das interlocutoras ainda que pequena. Vê-se que nas narrativas das interlocutoras em relação à família de origem reiteram uma divisão de gênero de acordo com o modelo tradicional de divisão sexual do trabalho, os homens, são os responsáveis por um trabalho produtivo e uma autoridade moral e as mulheres responsáveis pelo trabalho reprodutivo uma autoridade dentro da casa. Entretanto, essa divisão era marcada em algumas falas, mas fluída em outras, na medida em que se via em algumas famílias a presença das mulheres na lavoura, principal fonte de renda da família.

Já nas famílias chefiadas por mulheres, as chefes não estão só na esfera reprodutiva, elas necessitam estar em uma esfera de trabalho produtivo já que a renda da família, na maioria dos casos, depende delas. Esse contato com a esfera de trabalho produtivo se dá por laços de informalidade já que isso permite, no cotidiano da vida, uma flexibilizações nas atividades de trabalho na medida em que possam conciliar de acordo com o modelo de conciliação essas atividades com algumas atividades reprodutivas de cuidado com os filhos e de cuidado com a casa. Na medida em que elas não conseguem exercer essa conciliação elas acabam delegando essas atividades à outras figuras, é percebido através das narrativas que estas atividades permanecem sendo realizadas por mulheres e de que a presença masculina no desempenho das mesmas, somente é efetuado na ausência de presenças femininas, como no caso de Isabel. Essa delegação confirma a hipótese de que a figura responsável pelo trabalho reprodutivo, na maioria das vezes, é feminina, seja esta, a própria mulher-chefe-de-família, acarretando em uma tripla jornada de trabalho. A filha, sendo esta a escolhida para as tarefas caso haja uma figura masculina. A doméstica ou a mãe da chefe de família e/ou irmã.

Compreendi, a partir da literatura e do contato com as narrativas das interlocutoras, que a chefia feminina é cercada de múltiplas significações. Ser mulher-chefe-de-família, nos estratos de baixa renda é mais do que criar os filhos na ausência da figura paterna, de acordo com as narrativas que escutamos é ser “aquela que sustenta o lar”, aquela que “pega direto”, aquela que

exerce autoridade dentro do lar e aquela que organizando a família e o trabalho doméstico, redistribui as tarefas entre pessoas que são educadas para isso, em geral as avós e filhas.

Na literatura a mulher que é chefe de família carrega um peso social de tripla jornada de trabalho, de exercer múltiplos papéis dentro da família, provedora, educadora, fonte de moralidade e de valores. Entretanto o que se vê a partir dessa amostra é que as minhas entrevistadas valorizavam essa situação, apesar de todo esse peso social, na medida em que esta permite um afastamento de uma relação matrimonial.

De acordo com essa amostra, na medida em que as entrevistadas estavam em uma relação matrimonial, uma relação com o homem, sentiam-se em uma profunda relação de subalternidade. Estar em uma relação matrimonial limitava sua agência em relação ao seu dinheiro, em relação a como criar os filhos, em relação a como cuidar a casa. Portanto, a relação mais clara, que chamamos de patriarcal, é a relação de subalternidade e que pra essas mulheres todo o peso social, todo o trabalho e o desgaste que tem em ser uma mulher-chefe-de-família é compensada pela liberdade que se conquistou dada a situação de chefia. Portanto, a narrativa das interlocutoras em relação à chefia feminina confirma a hipótese de que estas se sentem fortes, poderosas e confortáveis.

A atitude de romper com o matrimônio logo, permite que as mulheres tenham uma agência de sua própria vida que antes era limitada na medida em que estas mulheres se encontravam em uma situação de subalternidade. Ademais, pensando no trabalho produtivo e reprodutivo têm-se a aplicação dos dois modelos, o de delegação e de conciliação de acordo com a amostra. De acordo com modelo de delegação compreende-se a continuidade predominante da presença de mulheres realizando trabalhos reprodutivos, entretanto, aos poucos, com o desempenho da autoridade da mulher dentro do lar, as tarefas domésticas são redistribuídas aos filhos de maneira a englobar figuras masculinas na responsabilização das mesmas.

Por fim, resulta dessa pesquisa que na situação de chefia feminina, as interlocutoras não se denominam chefes de família, não rompem com o modelo complementar, ainda reproduzem tarefas que são de homens e de mulheres, mas que essa situação propiciou a elas uma experiência de liberdade “livrando-se” dos maridos muito controladores e violentos.

8. Referências Bibliográficas

ÁVILA, Maria. B. de M. A dinâmica do trabalho produtivo e reprodutivo: uma contradição viva no cotidiano das mulheres. In: VENTURINE, G.; GODINHO, T. **Mulheres Brasileiras e Gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Edições Sesc SP, 2013, p. 232-245.

BARROSO, Carmen. Sozinhas ou mal acompanhadas: a situação das mulheres chefes-de-família. In: **ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 1., Anais... Campos do Jordão, ABEP, 1978.

BRITES, Jurema. Trabalho doméstico e invisibilidade. In: Juliana Andrade de Oliveira e Myrian Matsuo. (Org.). **Condições de trabalhos das mulheres no Brasil - II Seminário de Sociologia da Fundacentro**. 1ed.São Paulo: Fundacentro, 2018, v. 1, p. 01-149.

_____, Jurema. **Afeto, Desigualdade e Rebelião: bastidores do serviço doméstico**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2000.

_____, Jurema. **Serviço doméstico: elementos políticos de um campo desprovido de ilusões**. Campos, Paraná, n. 3, 2003.

CORRÊA, Mariza. "Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil". In: CORRÊA, M. (Org.). **Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

DA MATTA, Roberto. O ofício do Etnólogo ou "como ter um Anthropological Blues". In: **A Aventura Sociológica**. Zahar editora, Rio de Janeiro, 1978. Pg. 23 - 35.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. Pág.141 a 262.

FONSECA, Cláudia. Aliados e Rivais na família: O conflito entre consanguíneos e afins em uma vila porto-alegrense. In: **Família, fofoca e honra: etnografia das relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E PESQUISA. **Dimensões preliminares da responsabilidade feminina pelos domicílios: Um estudo do fenômeno a partir dos Censos Demográficos 1991 e 2000**. Rio de Janeiro, 2002.

KERGOAT, Danièle; HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007

MACEDO, Márcia dos S. “**Mulheres chefes de família e a perspectiva de Gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza**”, **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 389-404, Maio/Ago. 2008

OLIVEIRA, Roberto C. de. O trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir e Escrever. In: **O trabalho do Antropólogo**. Editora Unesp, São Paulo, 2000. pg 17 - 36.

PICANÇO, Felícia. Amélia a mulher de verdade: representações do papel da mulher e do homem em relação ao trabalho e a vida familiar. In: **Gênero, trabalho e Família no Brasil**. Editora FGV: Rio de Janeiro, 2005.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A Família Brasileira**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1993.

SARTI, Cynthia. **A Família como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Autores Associados, 1996.

_____, Cynthia. Famílias Enredadas. In: **Família: Redes, Laços e Políticas Públicas**. 6° Ed. Cortez Editora: São Paulo, 2015. p. 31-48

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. New York, Columbia University Press. 1989.

SCOTT, Russell Parry. Mulheres Chefes de Família: abordagens e temas para as políticas públicas. In.: **Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Caxambu. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2000.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas: Campinas, 2014.

WOORTMANN, Klass; WOORTMANN, Ellen. Monoparentalidade e chefia feminina: conceitos, contextos e circunstâncias. In: **PRÉ – EVENTO MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA: crescimento, diversidade e políticas**. Ouro Preto: ABEP, 2002, 99p.